

O OLHAR ENIGMÁTICO DE MOACYR SCLiar

De onde surgiu este livro?

Este livro é fruto de uma pesquisa intitulada *Moacyr Scliar: diálogos entre memória e diáspora*,¹ apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 2018, sob a orientação da Profa. Berta Waldman.

Fui seduzido pelo tema ao descobrir na obra de Moacyr Scliar notáveis representações dos dilemas culturais e identitários dos emigrantes, a refinada ironia por meio da qual sua ficção desconstrói os ufanismos nacionais, as possibilidades inusitadas de análise que resultam de seu olhar ao processo de mestiçagem cultural, o brilhantismo artístico com que retrata a corrosão das utopias na modernidade.

A produção literária do autor também é um solo fértil para suscitar investigações polissêmicas das relações entre literatura, alteridade e identidade, diversidade e expressão das diferenças culturais, temáticas que ocupam seara importante nos estudos culturais.

Moacyr Scliar inscreve com êxito sua marca original à literatura regional do Rio Grande do Sul e a extrapola, adquirindo importância de relevo na prosa contemporânea brasileira. Ele também transcende o nacional, uma vez que acrescenta componentes brasileiros e latino-americanos à história mais ampla do povo judeu.

1 Amaral ([2018] 2019).

Sobre a produção literária do autor há uma nítida duplicidade de planos narrativos característica de seus romances. Pretendi neste livro aprofundar este foco analítico. De fato, observa-se uma dicotomia de planos temáticos e narrativos que se repetem na estrutura de alguns romances do autor.

Um desses planos narrativos se ancora no passado, possui dicção memorialista e documental, retrata a longa saga do povo judeu, ficcionalizada por intermédio de vários recortes históricos. Já o segundo plano narrativo relaciona-se a distintos contextos da diáspora. Este, frequentemente, se desenvolve no tempo presente do discurso e apresenta uma cronologia gaúcha brasileira que transcorre em meados do século XX.

A questão central que conduziu os rumos desta pesquisa foi a seguinte: *Como se estrutura no enredo de alguns romances de Moacyr Scliar o diálogo ambivalente entre a memória judaica e a diáspora brasileira?* Procurei também discutir os modos como se enlaçam e se problematizam mutuamente passado e presente, história e mito, formas de representação e temas representados.

O *corpus* da pesquisa incluiu quatro romances: *O exército de um homem só* (1973); *O ciclo das águas* (1975); *Os voluntários* (1979); e *Cenas da vida minúscula* (1991). Esses textos trafegam no terreno híbrido entre história e ficção e se enquadram ao que se poderia chamar de vertente judaica da produção do autor.

Sou eternamente grato à Berta Waldman, professora que me introduziu nos intrincados labirintos dessa temática. Referência-norte na construção de minha vida acadêmica, amiga de todas as horas, com quem compartilhei sentidos, razões, densidade humana, com alcance para muito além dos muros da academia.

Gênese

O estranho é frágil como uma larva, treme por qualquer coisa, vive assustado. Não fala a língua do lugar. Vem do mar, vem do rio. Chega uma noite, é alojado em albergues, depois mora em cortiços úmidos e sombrios. À luz clara é objeto de deboche-pior, um frequente bode expiatório. Mas ele espia e expia. E aí – no

olhar – está o primeiro poder do estranho. Ele vê o que os outros não veem. Olho arguto, olho mágico, enxerga poros nas superfícies lisas, minúsculas fissuras no revestimento. O estranho, até então frio e vazio como um ventre de larva é agora um olho – enigmático.²

Quando se discutem aspectos da vida de um escritor, corre-se o risco, talvez até inconsciente, de procurar estabelecer automaticamente, de forma mecânica, apressada e pouco refletida, relações deterministas entre biografia e obra, como se a última resultasse “naturalmente” da primeira.

Maurice Blanchot,³ discorrendo sobre biografias e/ou livros de memórias, relativiza, mesmo em obras desse gênero, a suposta relação de automatismo entre o que foi vivido pelo autor e o seu fazer literário.

Mesmo atentando para essas ressalvas, a obra de Scliar é influenciada pela condição de filho de emigrantes e de judeu, assim como por sua formação profissional como médico. Com efeito, este capítulo visa destacar a trajetória dos amigos e familiares do escritor, no contexto da comunidade multicultural em que foi criado, e a possível relação dessa vivência com a futura escolha da temática judaica presente em várias de suas obras.

Porém, vale reafirmar, sem ter a intenção de transferir mecanicamente o horizonte memorial ao mundo ficcional de Scliar. Mesmo porque, segundo minha interpretação, a complexidade e importância da produção do escritor extrapola o espaço do Bom Fim, de Porto Alegre e mesmo do Brasil, adquirindo caráter universal.

Há certa característica peculiar no processo de formação étnica do Rio Grande do Sul. Mesmo os indígenas que habitavam o território provinham de processo migratório. Isso significa que, a rigor, nesse estado, ninguém é autóctone.

Uma importante fase de colonização do Rio Grande do Sul ocorreu entre o final do século XIX e o primeiro terço do século XX, que objetivava a substituição de mão de obra escrava pela de

2 Scliar (1986, p. 25).

3 Blanchot (1997, p. 237).

origem europeia, agora remunerada e considerada mais qualificada pelo governo da época.

Durante o século XX, a Primeira Guerra Mundial e a Revolução de 1930 afetaram significativamente o processo migratório ao Brasil. Na Europa, as restrições provocadas pelo conflito foram responsáveis pela diminuição da vinda de novos contingentes. Após a Revolução de 1930, houve uma alteração drástica na política de emigração, reduzida a 2% do índice de pessoas que haviam entrado no país nos últimos 50 anos. O primeiro governo Vargas, inspirado por ideário nacionalista, determinou inicialmente que esse corte deveria ser proporcional a cada grupo estrangeiro.

A emigração asquenazita ao Rio Grande do Sul inicia-se de forma mais representativa no início do século XX, quando as famílias dos recém-chegados se estabelecem na colônia agrícola Philippon, próxima ao município de Santa Maria. Em 1909, inaugurou-se outro núcleo, a colônia Quatro Irmãos, na região de Erechim. Porém, diferentemente de outros grupos, os colonizadores judeus, em sua quase totalidade, migraram para centros urbanos.

A possibilidade de proporcionar educação formal aos filhos nos ambientes urbanos pode ser considerada como uma das razões que explicam a predileção dos judeus por residir nas cidades brasileiras em detrimento do campo. A geração dos pais de Moacyr Scliar, de origem asquenazita, aderiu ao projeto de se estabelecer no Rio Grande do Sul.

No início do século XIX, a Bessarábia, região da Europa Oriental localizada entre a Romênia e a Rússia, foi palco de agressivos movimentos antisemitas, culminando com o sanguinário *pogrom* de Kishinev, em 1903.

Como retratado em obras do poeta Scholem Aleichem e telas do pintor Marc Chagall, nessa localidade, submetida a paupérrimas condições econômicas, as colônias judaicas viviam isoladas do resto da população. Filho de emigrantes judeus – do casal José Scliar e Sara Slavutzki – provenientes da Bessarábia, Moacyr Jaime Scliar nasceu em Porto Alegre, no bairro do Bom Fim, em 23 de março de 1937.

Nesse mesmo ano, Getúlio Vargas lidera uma nova reviravolta política de abrangência nacional que viria a instaurar o Esta-

do Novo, regime de viés autoritário que vigorou até 1945. Coetâneo ao incipiente nacionalismo brasileiro, o nazifascismo floresce e se legitima na Europa. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, oscilando em torno da tensão ideológica que se criaria entre os aliados e os países do eixo, o Itamarati, também em 1937, emite circular que cerceia ainda mais, e agora de forma evidentemente focada a grupos estrangeiros específicos, o visto de entrada no país aos emigrantes de origem judaica.

Por mais paradoxal que pareça, devido à acentuada mestiçagem que caracterizou a formação do Rio Grande do Sul, uma das singularidades gaúchas é o forte apelo regionalista à propagação da pertença tradicional rio-grandense. Esse aspecto, provavelmente também influenciado por fatores históricos relacionados à longa tradição separatista do Estado, viveu seu apogeu com a fundação da República de Piratini durante a Revolução Farroupilha.

O apelo à pertença tradicional rio-grandense foi colocado em relevo por uma série de movimentos culturais. Tais movimentos, iniciados ainda no século XIX, por meio de entidades tradicionalistas disseminadas em todo o estado, se mantêm com algumas alterações até os dias de hoje, incluindo-se entre outras manifestações culturais os clubes literários.

Convém observar, com relação ao ritual gregário do compartilhamento do mate, de forte sentido simbólico para os gaúchos, que anos após seu nascimento, o menino Moacyr Scliar ficaria fascinado com a velha fotografia de dois estancieiros nos arredores da colônia agrícola Philippon.

No instantâneo captado pela fotografia, os amigos conversam amistosamente, têm vastos bigodes, usam bombachas e botas ao estilo dos pampas. Essa imagem chega mesmo a sugerir que um diz ao outro a expressão típica: Bá, tchê! Mas o inusitado que mais surpreende o garoto nessa cena é a cuia de chimarrão fumegante que eles compartilham, trocando-a de mãos. Um rito de iniciação, celebração que os tornaria gaúchos.

As duas personagens dessa imagem são o emigrante judeu e o gaúcho nativo das pradarias sulinas. Pela indumentária, não é possível distinguir quem é quem. Talvez essa fotografia tenha confundido o imaginário infantil do futuro escritor – como entender

a estranha metamorfose que poderia também ter ocorrido num daqueles senhores de traços orientais do Bom Fim que viviam em seu entorno? Com sua barba talmúdica e solidéu conspícuo, agora descaracterizado, transformado num campeiro gaúcho típico, sem tirar nem pôr?

O estranhamento provocado por aquela fotografia, em que o imigrante já não se distingue da população local, poderia remeter à ambivalência que rondava os judeus no bairro do Bom Fim em Porto Alegre. Bairro que era assemelhado a uma ilha cultural isolada, na época da infância e parte da juventude de Scliar, onde os ecos da tradição lhe contavam histórias míticas e heroicas, arraigadas na errância de antiquíssimos ciclos migratórios.

Em sua produção literária, o autor põe em relevo uma Porto Alegre permeada por espaços ricos de afeto e de memória. “Porque o Bom Fim dos anos 30 e 40 era um verdadeiro *shtetl*, uma aldeia da Europa Oriental no meio de Porto Alegre”, “uma morada do coração [...]. Não, não era o *shtetl*. Verdade, já não havia ameaças: mas havia nostalgia, desencanto”.⁴

Desencanto, vergonha e culpa gerados por conflito de sentimentos, pela atração dos filhos dos emigrantes à invocação sedutora do apelo homogeneizador da nova pátria, que poderia levá-los a se distanciar da tradição milenar mantida com tanto zelo pelos seus pais.

Em seu trabalho, fundamental para quem pretende se aprofundar no estudo da expressão judaica na literatura brasileira, Berta Waldman aponta para o fato de que Moacyr Scliar é um dos raros autores nacionais que contempla a dupla identidade cultural judaica brasileira em sua ficção, cujo filão literário abrange um contexto ainda pouco explorado.

Cultura judaica singular, apesar da pluralidade de identidades judaicas, entremeada ao emaranhado de tantas outras culturas num país ainda novo, que busca legitimar a identidade nacional, e num Rio Grande do Sul em processo de formação, que, apesar de sua multiplicidade étnica, afirma querência própria apegando-se ao recém-criado tradicionalismo cultural gaúcho.

4 Scliar (1991a, p. 14-24).

De fato, as convocações da tradição foram significativas para Scliar, que, embora tenha nascido no Brasil, cresceu num ambiente identitário peculiar. Porém, o espaço do bairro do Bom Fim, aparentemente insulado às influências externas, estava inserido na polis multicultural e mestiça da província gaúcha, num contexto brasileiro mais amplo que adere ao capitalismo e se industrializa celeremente.

A marcha do *progresso* poderia tomar rumo irremediável que viesse a acarretar consequências severas à manutenção das raízes judaicas: homogeneização cultural, ceticismo político, individualismo, perda de pertença, diluição de valores tradicionais, utopias adoentadas, tornando-as anêmicas gradativamente e quase beirando a morte. A falta de perspectivas frente a um mundo reificado traz melancolia, mas ainda não chegamos a esse ponto; vamos voltar à infância de Scliar.

É como se os costumes praticados na sociedade com traços medievais das pequenas aldeias do leste europeu, onde os ancestrais do autor viviam num mundo à parte, encontrassem sobrevivência no Bom Fim, na Porto Alegre das décadas de 1930 e 1940. Ela representa o oásis onde brota a tênue esperança, espaço que se converte em oportunidade de resistir à extinção cultural. De se propagar, característica que os povos de origem judaica de forma épica, contra tudo e todos, conseguiram realizar com sucesso por milênios. Mesmo que de fato, agora, pudesse também estar caminhando para os seus estertores.

Falava-se ídiche corriqueiramente no Bom Fim de então, muitas crianças filhas de emigrantes judeus eram bilíngues, o dialeto ainda primava nas exibições das peças de teatro e nos filmes da época. Havia um consolidado senso comunitário, fruto em grande medida da herança cultural dos *shtetls* de onde provinham à época um contingente significativo dos moradores do bairro.

Nesse contexto, a memória pode permitir a construção de pontes entre passado e presente, pavimentando seu alicerce na esteira do antigo legado dos contadores de histórias ídiches. É provável que essa miríade de relatos fragmentários tenha calado fundo naquele pequeno menino judeu brasileiro em crescimento.

Transmitidas oralmente, muitas dessas narrações eram recheadas de alegorias, mitos e parábolas. Contemplavam característico tom conotativo cuja proeza era a de fundir simultaneamente três elementos aparentemente discrepantes: o humor, a desolação e a nostalgia.

Enquanto a imaginação de Moacyr Scliar era alimentada pelo rico acervo oral daquela comunidade que, de certa forma, alegorizava o cotidiano, José Scliar, seu pai, para melhorar as oportunidades de vida dos filhos que ele próprio não tivera, se esmerava nas funções comerciais, administrando uma pequena fábrica de ombreiras de lã, que veio a se transformar numa linha de produção de acolchoados.

Sara Slavutzki Scliar, a mãe do escritor, responsável por sua precoce alfabetização, era professora da escola de Educação e Cultura de nível primário, hoje o Colégio Israelita Brasileiro, na qual Moacyr Scliar se matriculou em 1948 (mesmo ano de fundação do Estado de Israel) para iniciar os estudos formais. Nesta instituição, ele receberia a primeira distinção de sua premiada carreira literária, com a publicação de um conto que foi o melhor classificado em concurso realizado pelo *Jornal Mural*.

No Bom Fim, as histórias eram contadas na rua nos dias de verão, em reuniões de vizinhos, parentes e amigos que aconteciam dentro das casas durante o inverno, sempre ao lado do samovar,⁵ o que aumentava ainda mais a saudade da Rússia, em meio a xícaras de chás, petiscos e muito falatório. Mas as histórias não cessavam mesmo após os visitantes se despedirem, prosseguiram reservadas no acolhimento familiar mais íntimo.

Esse ambiente propício estimula o menino franzino ao gosto pela leitura e pela escrita. Scliar relataria no futuro que, apesar dos módicos ganhos de seus pais, responsáveis por várias restrições orçamentárias na família, nunca faltou dinheiro em sua casa para comprar livros. Sara Slavutzki os considerava produtos de primeira necessidade, tão essenciais quanto a comida. Porém, eram provenientes de natureza mais simbólica e sutil, nutriam a alma.

5 Espécie de caldeira portátil, de uso na Rússia, utilizada especialmente para fazer chá.

Comparação cheia de significados para a obsessiva mãe alimentadora que caprichava na produção de receitas judaicas tradicionais, assolada pelo compartilhado medo ancestral de que os filhos viessem a contrair doenças como a tuberculose, que se propagavam com facilidade entre os moradores subnutridos dos *shtetls*.

Moacyr Scliar, ainda bem jovem, ganha de presente do pai a sua primeira máquina de escrever, que se transforma rapidamente num *brinquedo* muito apreciado por ele. Talvez neste ponto tenha se aberto a perspectiva de aprendizado da arte pouco convencional que seria cultuada em toda a sua vida: “Saber a língua nacional, e saber bem e mais, tornar-se um escritor nessa língua, era a superação absoluta de todas as estranhezas e dualidades”⁶.

Depoimentos do escritor apontam que sua primeira grande interação com a comunidade externa ao Bom Fim se deu quando concluiu a escola primária judaica, transferindo-se para a instituição católica Colégio Nossa Senhora do Rosário. Scliar, que no período já era rapazote, vivenciou nessa oportunidade constrangimentos decorrentes dos estigmas dissimulados ou não, tão ao gosto da hipocrisia *nacional*, atribuídos a ele por seus novos colegas cristãos.

Por outras razões, mas provavelmente experimentando o mesmo tipo de estranhamento ao sentir-se pertencer apenas parcialmente a esta pátria, Scliar deve ter sofrido no colégio católico contradição semelhante à do emigrante judeu alemão Carlos Herz, que revelou sua situação ambígua em relato ao Arquivo de Memória do Instituto Cultural Marc Chagall.

Nesta ocasião, em 1942, por extrema ironia, após declarada a guerra ao eixo, os judeus emigrados da Alemanha para o Brasil passaram a sofrer restrições das autoridades devido a sua condição de cidadãos alemães. Carlos Herz assim verbalizou sua angústia: “Eu não sei mais o que sou, se brasileiro, se judeu, se alemão; na Alemanha me disseram que eu não sou alemão, aqui me tratam como se eu fosse”⁷.

O escritor tinha aulas regulares de religião no tradicional colégio católico. Com o tempo, o conflito de valores para ele

6 Brasil (2004, p. 17).

7 Scliar e Souza (2000, p. 57).

recrudesciu. Como seria natural de se esperar, não se adaptou muito bem aos conflitos identitários que experimentou nesta instituição religiosa. Opta por fazer o curso científico no colégio público Júlio de Castilhos, considerado mais secular do que o anterior.

Nesse período, o jornal *Correio do Povo* publica seu conto, intitulado “O relógio”. Pouco tempo depois, ele vence um concurso literário de autores juvenis que foi promovido na cidade, e com o conto “Em busca da juventude” classifica-se em segundo lugar no Concurso de Contos da União Internacional de Estudantes. As apostas se iniciam, frestas se abrem a um “olho arguto” que “espia e expia”.

Apelos ufanistas não tardariam, demoraria ainda cerca de cinco anos para que o Brasil viesse a se sagrar, pela primeira vez, campeão mundial de futebol na Suécia, em 1958. Craques antológicos como Leônidas da Silva e Garrincha já brilhavam nos estádios no início da década de 1950. Embora preferisse praticar o basquetebol com mais frequência, o jovem Moacyr Scliar se considerava o próprio “perna de pau” nas peladas do Bom Fim e do colégio.

Porém, à época se descobre também atraído pelo futebol, instituição brasileira tão cara num país onde muitos órfãos identitários cultuam o esquecimento, tão cara à fantasia e ao ingênuo sentimento de pertença juvenil. Nessa fase, apesar de ainda embrionário, por coincidência ou não, começa a despertar com mais força no futuro escritor o seu “olho enigmático”.

Talvez o espelho lhe mostre a imagem de um ser híbrido, cindido entre duas culturas, seduzido por ambas e tendo de fazer escolhas difíceis. Eis que o incipiente artista vai aos poucos se apoderando do singular “poder do estranho”, aquele que “vê o que os outros não veem”.

Medicina e literatura: a profissão e o “ofício”

Durante o período de adolescência em que permaneceu no colégio público Júlio de Castilhos, Moacyr Scliar foi membro ativo do Círculo Literário do Grêmio Estudantil. Nessa época, além dos estudos formais, ele sempre manteve uma rotina paralela de leituras vorazes, ensaiando também de forma cada vez mais sistemática

os seus próprios prototextos. Lia de tudo, e, aos poucos, sua atração natural pelo gênero infanto-juvenil deu lugar ao interesse pela literatura destinada ao público maduro.

Mais tarde, referindo-se à juventude, o escritor relataria seu deslumbramento com a deformação do real propiciada pela descoberta do realismo fantástico e poria em relevo a forte influência que recebeu, dentre outros autores, de Franz Kafka, Julio Cortázar e Gabriel García Márquez.

Após a conclusão do curso científico, em 1955 ingressa na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Conciliando a atividade literária que desenvolvia nas raras horas livres e quaisquer frestas que encontrasse nos intervalos da pesada carga horária de aulas, plantões e clínica, Scliar publica contos, crônicas e artigos em *Bisturi*, periódico do Centro Acadêmico e outros jornais alternativos da cidade.

Uma experiência que marcaria a juventude do escritor foi sua adesão às revoluções heroicas e quedas trágicas características das utopias políticas do século XX. Vivia-se então o auge da Guerra Fria, o maniqueísmo sectário imperava e o mundo se dividia em blocos ideológicos antagônicos. Ainda na universidade, ele militou no movimento juvenil sionista.

Enquanto isso, no Bom Fim, a comunidade judaica parecia também estar cindida entre, no mínimo, dois projetos que poderiam conflitar-se: fazer a América ou transformar a sociedade. Apesar da exceção cubana, outros países do Novo Mundo resistiam às revoluções.

Saltamos para o ano de 1962, às vésperas do golpe militar de 1964, em que Scliar se forma médico e publica seu primeiro livro: *Histórias de médico em formação*, que reúne crônicas do período em que fez estágio na Santa Casa de Misericórdia.

Coetânea ao caldeirão político e social que o Brasil e o mundo experimentavam, nesse período, a década de 1960, ocorreu uma ousada revolução cultural de grande abrangência que proporcionou mudança de costumes e quebra de convenções estéticas. A literatura nacional foi tomada por movimentos inovadores e pela quebra das normas.

Em 1963, Scliar faz residência em Medicina Interna e trabalha no Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência em São Leopoldo. No ano seguinte torna-se professor-assistente da Faculdade Católica de Medicina. A carga de trabalho é crescente, fica cada vez mais difícil e perigoso conciliar atividades laborais com o engajamento político. Logo depois, seus amigos são perseguidos pela ditadura militar recém-instalada. Encontra refúgio na arte, trincheira que se mostra viável para combater o arbítrio. Em 1965, casa-se com Judith Oliven e exerce clínica médica no Hospital Sanatório Partenon, de Porto Alegre. Sua produção textual, no entanto, não diminui, mas intensifica-se.

Algumas trajetórias de vida são marcadas por ambivalências de valores e posicionamentos, passíveis de hibridização em certas circunstâncias; em outras, esse amálgama inexistente. Assim, nesse caso, o termo “ambivalência” se refere a valores formados por elementos distintos, que podem ou não estar em oposição.

A palavra *ambivalência* origina-se de “ambi”, do latim – de ambos lados –, acrescida do sufixo *valência*, do latim “valere” – ter valor.⁸ Portanto, nesse contexto, trata-se de valores formados por elementos que, longe de suscitar posições polarizadas ou antagônicas, confluem e coabitam numa nova seara, uma vez que agregam “valor de ambos lados”.

A partir dessa delimitação, surgem algumas indagações. As práticas profissionais de Moacyr Scliar caminhavam paralelas e independentes entre si ou não? Confluíam de alguma forma? Eram díspares ou complementares? Médico e escritor, cientista e artista. Novo hibridismo? Embora este possível hibridismo possa ser dialeticamente também considerado velho na perspectiva da experiência precoce acumulada por ele.

Hibridizadas ou inconciliáveis? As tantas outras ambivalências que Moacyr Scliar acumulou em sua vida eram convergentes ou divergentes? Misto dessas duas atribuições? Praticante de basquetebol x admirador de futebol, laico x propagador de histórias bíblicas, gaúcho x admirador de Israel, socialista por convicção x capitalis-

8 Cunha (2015, p. 32).

ta por necessidade, judeu x brasileiro. Dualidades em oposição ou complementares? Misto, parte em oposição e parte complementar?

Considerando a origem grega, o termo *híbrido* vem da palavra “*hýbris*”, ou, em sua forma latina, “*hybrida*”. Traduzida como “tudo que passa da medida”, “descomedimento”, “ultraje”, “ultrapassar das fronteiras”, “que se afasta das leis naturais”,⁹ seu sentido original se relaciona a alguma afronta aos deuses, atitude que era invariavelmente punida. Mais modernamente, restringindo o termo à espécie humana, “híbrido” também pode se referir à mestiçagem cultural indesejada.

Essa noção de mestiçagem muitas vezes é avaliada por parâmetros culturais que, baseados em razões morais, frequentemente a depreciam. Quando ambivalências de valores se hibridizam, o produto dessa fusão deveria ser sumariamente rebaixado? Ou esse ato de julgamento, muitas vezes condicionado por automatismos culturais, decorre também, entre outras causas, da tradição religiosa ocidental, cuja base filosófica tende a antagonizar as dualidades?

De fato, princípios filosóficos referentes a dualidades que foram assimiladas pelo Cristianismo têm origem tanto judaica quanto platônica. Tais vertentes são fundadoras da tradição religiosa ocidental clássica. Elas apontam para a tendência de identificar o dualismo metafísico como uma dicotomia excludente entre o bem e o mal. Para perceber a criação artística de Scliar em sua abrangência, é necessário abdicar desse pensamento maniqueísta.

Preciso, racional e técnico nos artigos médicos que redige no início da carreira, Scliar é o mesmo homem que professa “confissão de fé na magia e no mistério”¹⁰ nos textos ficcionais que cria. Mais tarde, nos livros sobre medicina, judaísmo e trajetórias biográficas que concebe na maturidade, parece ter havido a fusão de seu olho “objetivo” ao “subjetivo”.

Em busca de uma visão que vá além dos automatismos culturais, poderíamos pensar que o olho científico de Moacyr Scliar, ao regular o foco da lente objetiva do microscópio para descrever, em detalhes morfológicos, organelas celulares em lâminas histológicas, é

9 Id. *ibid.*, p. 336.

10 Scliar (2003, p. 47).

simultaneamente também aquele “olho arguto” do escritor que perscruta na calada da noite o protoplasma viscoso da subjetividade.

Seria mais adequado tratá-lo por olho enigmático, aquele que não é a simples soma cartesiana ou exclusão recíproca dos outros dois. Mais complexo, extrapola convenções culturais, sobrepuja fronteiras formais e confere ambiguidade aos discursos. Inaugura o surpreendente olhar híbrido, caldeado por uma dualidade aparentemente antagonista. Amplia visão estereotipada, enxerga horizonte mais largo, despido do limitante cabresto que não vê a margem.

Quando, em seus escritos, o autor procura aproximações entre o exercício da medicina e o da literatura, identifica a primeira como “profissão” (médico) e a segunda como “ofício” (escritor). Apesar das divergências geradas pelo caráter polissêmico das palavras e das distintas interpretações etimológicas que podem ser feitas sobre elas, com base em nosso objetivo analítico, nos limitaremos estritamente ao significado do vocábulo “profissão” como aquele que se refere ao ato de “declarar em público”.

Definido nesses mesmos moldes, atribuímos o significado da palavra “ofício” como aquele que se refere ao ato de obter “meios (para) realizar”, ou um tipo de “dever” que se relaciona ao trabalho. Sobre estas atividades laborais, Moacyr Scliar afirma:

Medicina e literatura são duas profissões (no caso da literatura, talvez seja melhor falar em “ofício”) que têm muita coisa em comum. Ambas têm uma abertura para o humano; ambas exigem um comprometimento muito intenso por parte de quem as pratica, e ambas valorizam a palavra, ainda que de modos diferentes: para a medicina, a palavra é um instrumento terapêutico (no caso da psicoterapia, por exemplo), para a literatura, a chave da criação estética.¹¹

¹¹ Id. *ibid.*, p. 5.

É preciso relacionar a origem etimológica dos termos *profissão* e *dever* com esse texto de Scliar. Tal digressão nos aponta a seguinte conclusão: medicina é “profissão” que se “declara em público”, ao passo que literatura é “ofício” convertido em “dever”. Uma não se sobrepõe à outra, mas eventualmente se mesclam numa nova forma de discurso híbrido.

Tal relação pode adquirir caráter emblemático quando nos reportamos à trajetória do médico/escritor Moacyr Scliar. Lembrem-nos de que frente a tantas dificuldades econômicas, aos cerceamentos sociais, aos difíceis processos de aculturação, às restrições religiosas e à longa saga de êxodos e perseguições enfrentadas no seu histórico familiar, exercer a medicina era algo que deveria ser “declarado em público” com muito orgulho e a plenos pulmões.

“Profissão” que representa uma expressiva vitória, conquistada com grandes esforços, acena para a possibilidade de independência financeira por meio de trabalho estável e “portável”, sendo este um recurso muito útil em caso de exílio imprevisto, eventualidade para a qual muitos judeus aprenderam a se preparar. Mas, e talvez principalmente, a perspectiva de ser respeitado pelos compatriotas, inserindo-se no mundo do trabalho por intermédio de um fazer valorizado e essencial a qualquer tipo de sociedade.

Porém, apesar de a medicina se “declarar em público” com todas essas vantagens, ela também mobiliza utopias íntimas, podendo se converter em instrumento de transformação política. Scliar engaja-se na medicina de caráter social-comunitário, graduando-se como sanitarista. Ele viria a dizer que esta adesão decorreu em parte de suas inquietações ideológicas estudantis e foi inspirada nas figuras antológicas de Oswaldo Cruz – pela sua revolucionária ação profilática no Brasil – e de Noel Nutels, que se distinguiu ao trabalhar com as comunidades indígenas.

O escritor irá explorar de forma recorrente essas personalidades em alguns livros ensaísticos sobre medicina e nos romances *Sonhos tropicais* (1992), no qual a vida e obra de Oswaldo Cruz é abordada, e *A majestade do Xingu* (1997), que se baseia na trajetória de Noel Nutels.

Já o fazer literário de Moacyr Scliar se banha em águas mais turvas. É o “dever” obsessivo que concretiza seu desejo criativo,

transgride pela arte as limitações castradoras da cultura pasteurizada por rótulos e estigmas. Alia o antigo ao moderno, o drama ao humor, a melancolia à esperança, o estrangeiro ao nacional, o científico ao poético.

Nasce do imperativo apelo (ou dever) de resgatar a memória e, simultaneamente, redescobrir um Brasil não retratado nos manuais *oficiais* de historiografia. Com seu olho híbrido, ele revela facetas originais dessa mestiçagem que nos constitui a todos. Mestiçagem tão recalcada, tão bela.

Retornando ao depoimento em que Scliar discute sua dupla atividade laboral, inconscientemente ou não ele deixa um hiato de significação maior à palavra “ofício”. A sensação é de ausência, parece que ficou faltando algum elemento semântico complementar. Talvez aqui caiba enfatizar a eloquência contida nesse silêncio (proposital?) ou omissão.

Num caso ou no outro, convém perscrutar as entrelinhas do discurso que insistem em se manter caladas, mas, paradoxalmente, também sonoras. Talvez seja possível “ouvir” a palavra não registrada no papel, aquela que cala o discurso quando a palavra reluta em se fixar à moldura do escrito, operação que proporciona a façanha de múltiplas ressignificações, em que o leitor se converte num elemento ativo da criação.

Moacyr Scliar foi um escritor muito produtivo. Publicou, entre 1962 e 2010, mais de 100 títulos de gêneros variados, sendo eles 22 romances, 18 livros de contos, 14 livros de crônicas, 38 livros voltados para a literatura infanto-juvenil, 20 ensaios e 21 livros sobre literatura médica. Destes títulos, cinco tiveram publicações póstumas: *Contos e crônicas para ler na escola* (2011); *Rubem Alves e Moacyr Scliar conversam* (2011); *A poesia das coisas simples* (2012); *Território da emoção* (2013); e *A nossa frágil Condição humana: crônicas judaicas* (2017). Muitos deles traduzidos para cerca de 14 idiomas, e alguns foram adaptados para o cinema, teatro, documentário e a televisão. Recebeu alguns prêmios literários: Jabuti (1988 e 1993); o Associação Paulista de Críticos de Arte (1989); e o Casa de las Américas (1989). Em 2003 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Como vimos, diversas ambivalências observadas nesse autor (médico/escritor, judeu/brasileiro etc.) são frutos de eventuais dualidades que, com base em tradições religiosas que influenciaram a cultura clássica ocidental, poderiam numa interpretação corrente ser consideradas necessariamente como “opostas” entre si. Todavia, no imaginário criativo de Scliar pulsa um olho enigmático que afeta a visão dos olhos *exteriores*, amplificando-os para dar voz às ambiguidades resultantes das hibridizações culturais.

A ambivalência presente na vida profissional do autor pode sugerir, por intermédio de avaliação superficial, a presença de posições e valores polarizados e maniqueístas. No entanto, o que se percebe é que, ao contrário, a obra de Scliar, analisada por meio de uma leitura mais abrangente, nos remete para a percepção de posições e valores ambivalentes que confluem num novo universo caldeado, coabitando em simbiose numa terceira margem que agrega o “valor de ambos lados”.

Scliar nos confronta com a “possibilidade ou não de ser um outro”, de “viver com o outro, com o *estrangeiro*” numa resignificação profunda da alteridade. Com efeito, não se trata apenas de nossa aptidão em aceitar o outro, “mas de estar em seu lugar – o que equivale a pensar sobre si e a se fazer outro para si mesmo”.¹²

12 Kristeva (1994, p. 20).